

Sobredotação

Introdução

O trabalho foi elaborado tendo por base um conjunto de questões para os quais se elaboraram um conjunto de respostas.

1- Adaptação de currículo para alunos sobredotados

A resposta educativa de enriquecimento através de adaptações de currículo pretende ir de encontro às necessidades dos alunos com altas capacidades, procurando deste modo, ou por que o aluno permanece no nível de escolaridade correspondente à sua idade, ou porque o aluno avança nesse mesmo nível, uma resposta que possibilite o desenvolvimento destes alunos quer a nível curricular, emocional e social. A adaptação do currículo pode ser realizada em três âmbitos, distintos, mas complementares:

Âmbito escolar		
Que ensinar	Como ensinar	Avaliação
<p>- Organização de currículos segundo uma sequência na qual se possam organizar, ampliar conceitos, aprofundar determinados aspectos quer em profundidade, quer em extensão.</p> <p>Ex. Promover interdisciplinaridade : disciplina de Física e a de Filosofia, na identificação do “fazer ciência”</p> <p>- Promover actividades extracurriculares: organizar conferências, organizar uma semana aberta na qual os alunos exponham e apresentem os seus trabalhos a toda a comunidade educativa</p>	<p>- Fomentar uma metodologia investigadora.</p> <p>Ex. Realização de um trabalho de pesquisa que poderia ser apresentado em forma de diálogo, na qual estivessem presentes os aspectos referidos na 1ªcoluna.</p> <p>- Permitir e flexibilizar a utilização de diferentes espaços: sala multimédia, biblioteca, centro de recursos.</p> <p>- Utilizar estratégias que permitam a interacção e a partilha.</p>	<p>- Empregar a autoavaliação</p> <p>- Realizar uma avaliação inicial que permita despistar os alunos com altas capacidades e os seus interesses</p> <p>- Utilizar critérios amplos que permitam contemplar as características e necessidades dos alunos com altas capacidades</p>

Âmbito sala Aula		
Que ensinar	Como ensinar	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> - Definir estratégias de aprendizagem diversas que apelem à participação: realização de trabalhos para serem expostos à turma; - Incentivar procedimentos de investigação - Proporcionar um ambiente atitudinal de respeito e valorização das diferenças 	<ul style="list-style-type: none"> - Programar diferentes actividades para trabalhar um mesmo conteúdo. - Realizar trabalhos de grupo, com diferentes conteúdos a explorar, partilhados por debate a realizar em contexto de aula. - Organizar, por exemplo, uma peça de teatro através da qual se explorem os conteúdos e simultaneamente permita uma maior interacção entre os alunos os professores - Estabelecer diferentes espaços na aula: pesquisa, consulta. 	<ul style="list-style-type: none"> - promover uma avaliação diagnóstica. - Utilizar vários instrumentos de avaliação: a avaliação escrita não é a única forma de avaliar.

Âmbito do aluno		
Que ensinar	Como ensinar	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> - Introdução de conceitos em função das necessidades do aluno - Realizar adaptações, quer pela eliminação ou acrescento de determinados conteúdos. - Enfatizar conteúdos de interesse do aluno, ainda que o sejam só para ele - Criar um ambiente de trabalho onde o respeito pelas diferenças seja valorizado 	<ul style="list-style-type: none"> - Proporcionar a realização de trabalhos de investigação , que permitam a procura e a organização de material possibilitando um trabalho autónomo. - Realizar aulas de debate e partilha de opiniões através da exposição de trabalhos. - Possibilitar que o alunos entre si possam “ajudar-se” e partilhar interesses e conhecimentos 	<ul style="list-style-type: none"> - A avaliação terá que constantemente ser reformulada, quer quanto à forma quer quanto aos conteúdos. Será sempre determinada em função dos objectivos propostos

Esta adaptação deve ser sempre realizada após diagnóstico psicopedagógico, pois nem todos os alunos são iguais e dessa forma as suas necessidades também não. O próprio contexto escolar e a turma onde o aluno está inserido determinam quais e que tipo de adaptações serão necessárias realizar.

2- É a aceleração uma resposta adequada?

A aceleração é uma resposta possível para atender alunos com altas capacidades. Esta decisão terá que ter em conta as características do aluno, da sua família e as do contexto escolar. A decisão deve ser tomada com base num diagnóstico psicopedagógico, deverá ter em consideração a opinião dos professores e da família do aluno.

São pois muitos os factores que estão em jogo, pois não nos podemos esquecer que o que está em causa é um aluno com altas capacidades, que é antes de mais uma pessoa, e como tal tem que se atender à sua formação global e integral, terá que se promover o seu desenvolvimento intelectual, sem dúvida, mas são também muito importantes a sua dimensão afectiva e social.

Será sempre necessário perceber quais são e a que dizem respeito as altas capacidades do aluno, isto é, pode verificar-se que o aluno é de facto absolutamente excepcional em dada área, mas que essa excelência não se verifica ou não pressupõe ainda determinados conteúdos que correspondem ao currículo que deve observar se integrado na turma a que corresponde a sua idade cronológica, certamente não faz sentido acelerar o aluno.

Eventualmente poderemos ainda verificar que a escola onde este aluno se encontra inserido, é uma escola com um ambiente de aprendizagem poderoso, que promove muitas e diversas actividades que possibilitam o enriquecimento do currículo que o aluno deve observar, certamente não será necessária a aceleração, será talvez mais importante a relação deste aluno com os seus pares. O próprio funcionamento da turma pode ser de tal forma

dinâmico, que torne possível trabalhar de forma diferenciada garantindo-se deste modo a motivação a este aluno com altas capacidades.

Mas como referi anteriormente são muitos os factores a ter em consideração e se a aceleração diz respeito ao avançar nos anos curriculares, não nos podemos esquecer da maturidade do indivíduo e da relação com os seus pares. Todos nós nos desenvolvemos e vamos adquirindo competências, porque os outros funcionam como espelhos para nós, e nesse sentido importa verificar como é que se situa esse aluno nesses domínios. A aceleração pode “ser o feitiço virado contra o feiticeiro”, isto é aquilo que pensamos ser um solução pode resultar num problema.

Os pais têm também um papel muito preponderante, pois estes conhecem o seu filho, á partida, de um forma mais integral e será necessário ouvir bem o modo como analisam o seu filho, perceber quais são as suas expectativas e o modo com se relacionam com ele.

Em jeito de conclusão parece-me ser evidente que um decisão desta natureza não é linear, pois são muitos os factores que se cruzam e que têm que ser equacionados, não se podendo nunca esquecer a adequação da competência curricular, o desenvolvimento social e afectivo do indivíduo, tendo sempre como horizonte o contexto escolar e a família.

Relativamente à sobredotação, assim como a outros temas, existem ainda muitos pré-conceitos, facto que não ajuda nada à possível decisão mais acertada para cada caso.

3- Caracterização sumaria dos modelos teóricos da sobredotação

Modelos teóricos explicativos da sobredotação			
	Modelo dos três anéis	Modelo de interdependência triádica	Modelo psicossocial
Vantagens	- tem a particularidade de ter sido o primeiro modelo a explicar a sobredotação pela confluência de três factores	- é um modelo dinâmico pois não esquece a interacção do indivíduo com o meio envolvente - é, pelo motivo atrás descrito, mais completo que o modelo dos três anéis.	- é absolutamente dinâmico, pois as suas categorias são muito integradoras e amplas - é o que mais responde aos factores de desenvolvimento
Desvantagens	- estático: explica pouco o desenvolvimento no contexto e sua interacção. -Faz a análise baseando-se unicamente na descrição de casos	- o dinamismo que se lhe atribui por comparação com o modelo dos três anéis, não reflecte ainda a actividade, ou dinamismo no próprio indivíduo, mas apenas no fenómeno da sobredotação em geral	- Não se encontram desvantagens

4- Identificação de problemas que surgem nas famílias de sujeitos com altas capacidades

Os principais problemas que se colocam, ou que podem surgir nas famílias de sujeitos com altas capacidades divergem , e esta divergência fica a dever-se ao modo como cada família encara o fenómeno da sobredotação. Como referi numa das perguntas anteriores existem ainda muitos pré-conceitos relativamente a esta questão, e tal provoca, por vezes atitudes verdadeiramente desajustadas.

Em princípio uma criança com altas capacidades é uma criança normal com um desenvolvimento cognitivo precoce, o que favorece que aprenda a um maior ritmo, com mais profundidade se comparados com crianças da sua idade. Como qualquer criança necessitam apoio, estímulo e amor. E como cada criança é uma criança, e todas elas são diferentes e têm diferentes necessidades, também se incluem aqui e as crianças com altas capacidades. É aqui que reside a dificuldade que se coloca aos pais e aos professores, saber o que necessitam todas estas crianças. Todos os pais sabem que os seus filhos são diferentes, e o que resulta ou acontece com um , não acontece ou não resulta com os restantes, a mesma coisa sabem os professores.

Partir do pressuposto que ter um filho com altas capacidades é ter alguém muito especial e muito valioso, e fazer passar essa ideia no comportamento que se tem para com ele, assumindo um papel subalterno, são factores mais que suficientes para se originarem muitos problemas:

- Os pais sentem-se constantemente pressionados com a necessidade de constante saber do seu filho e das suas ininterruptas perguntas,

revelando que o não saber responder a tudo é crime, é a mais crassa das ignorâncias.

- A criança controla, domina toda a família.
- Os pais sentem-se ameaçados pelo filho.
- Os laços de afectividade e amor são muito débeis.

Partir do pressuposto que ter um filho com altas capacidades não implica qualquer tipo de atenção especial é também uma atitude que poderá conduzir a problemas graves, pois a desmotivação pode apoderar-se destas crianças, pois nada do que lhes é oferecido de uma forma “normal” satisfará as suas necessidades, podendo ela reflectir-se também numa desvinculação afectiva, no fundo não se lhes atende às suas necessidades específicas.

5- São os professores bom detectores de alunos com altas capacidades?

Creio que, de facto, as investigações que apontam no sentido que os professores são bons detectores dos alunos com altas capacidades, têm razões que justifiquem a sua análise. Estas razões, ou justificações prendem-se com o facto de os professores lidarem com estas crianças com altas capacidades e têm pois possibilidade de observá-los em múltiplos contextos: na aula face às matérias, na relação com os seus companheiros e na relação que mantêm com os professores. O aluno é observado, quer no que diz respeito às capacidades, quer aos comportamentos. Deste modo o trabalho do professor é um espaço privilegiado que lhe permite detectar alunos que revelam altas capacidades.

Contudo, detectar um aluno com altas capacidades não é uma tarefa linear, pois os sinais que nos podem conduzir até eles são por vezes

contraditórios, e estas crianças não têm uma tabuleta identificativa que diga “sobredotado.” Esta contradição surge do facto de uma aluno com altas capacidades poder ser extrovertido ou introvertido; ter uma óptima capacidade de relação social ou exactamente o inverso; ser um aluno excepcional nas matérias, com óptimo aproveitamento, ou exactamente o contrário; ser muito estável emocionalmente ou verdadeiramente disperso, irrequieto e perturbador.

A esta variação juntam-se ainda os pré-conceitos que fazem destas crianças “ os caixas de óculos”, sisudos, que não se interessam por nada a não ser “estudar”, que não são capazes de brincar ou que não têm sentido de humor,

Creio que tudo que acabei de referir funciona como justificação para as investigações que apontam para o facto de os professores não serem bons detectores dos alunos com altas capacidades, pois com certeza o facto de um determinado aluno não corresponder a um determinado “padrão” identificativo faz com que o professor não diagnostique ou ponha a hipótese de estar face a um aluno com altas capacidades.

É evidente que tal situação se prende com alguma falta de formação nesta área, que tem consequências não só na análise da sobredotação, mas também noutras situações, tais como a hiperactividade. Sabemos, também, que ser professor passa por alguma sensibilidade de análise a tudo aquilo que diz respeito ao meio que envolve e faz a escola. Esta sensibilidade prende-se antes de mais com a personalidade de cada um de nós como pessoas, facto que nos obriga a pensar num acompanhamento mais especializado dentro das escolas, que permita detectar este tipo de situação.